

The cover art features a central figure, a green-skinned orc with a red mohawk and a white mask, looking forward. To the left is a large, dark blue, horned creature with glowing green eyes. To the right is a large, green-skinned orc with a white mask and a red mohawk, looking towards the center. The background is a dark, cavernous setting with a glowing blue orb at the top. The text "WORLD OF WARCRAFT MIDNIGHT" is at the top, and "LEGADO DOS AMANI" is at the bottom in large white letters, with "GRAHAM ROSWELL" below it.

WORLD
WARCRAFT
MIDNIGHT

LEGADO
DOS AMANI

GRAHAM ROSWELL

HISTÓRIA
GRAHAM ROSWELL

ILUSTRAÇÃO
MATT HUBEL

EDITORIAL
CHLOE FRABONI

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
COREY PETERSCHMIDT, CHEUNG TAI

CONSULTORIA DE HISTÓRIA DO JOGO
SEAN COPELAND

CONSULTORIA DE HISTÓRIA
ABIGAIL MANUEL

CONSULTORIA CRIATIVA
RAPHAEL AHAD, CHRIS METZEN,
STACEY PHILLIPS, KOREY REGAN

PRODUÇÃO
BRIANNE MESSINA, ANASTASIIA NALYVAIKO,
JT TORREA, TAKAYUKI SHIMBO

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS
VALERIE STONE, NATALIA HINDS

TRADUÇÃO
EDMO SUASSUNA, MARIANA RIMOLI



© 2026 Blizzard Entertainment, Inc. Blizzard e o logo da Blizzard Entertainment são marcas comerciais ou marcas registradas da Blizzard Entertainment, Inc., nos EUA ou em outros países.

Publicado pela Blizzard Entertainment.

Esta história é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são frutos da imaginação do autor ou artista ou são usados de modo fictício, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou não, instituições comerciais, acontecimentos ou locais reais é mera coincidência. A Blizzard Entertainment não exerce controle sobre sites do autor ou de terceiros e nem assume qualquer responsabilidade por seu conteúdo.



O odor acre de fuligem, ferro e terra saturava o aposento. O fogo marcava os rostos solenes com rastros de chama e sombra. Uma pira ardia num altar, crepitando em acompanhamento à voz de Kinduru.

O orador oscilava diante da rocha ancestral entalhada na forma de uma grande águia, asas abertas, a face nobre voltada para os céus ocultos. Akil'zon. Mãe celestial das tempestades. Antes, a loa primária dos Amani, agora não mais. Ela os havia abandonado.

E ainda assim Kinduru dançava. Percutia os pés na terra batida num ritmo irmão ao dos tambores que soavam só para ele. Trançava os braços acima da cabeça e então os abria, como se quisesse alçar voo.

Ajoelhada ali perto, Zul'jarra assistia à adoração do tio. Ouvia-o tecer louvores a Akil'zon e implorar por bênçãos que jamais viriam.

Uma perda de tempo, protestou uma pequena parte dela.

Com uma última e demorada nota, Kinduru pegou uma tigela de madeira no altar e a ergueu em oferenda e súplica. Curvou-se bem baixo perante a grande águia, então se virou para Zul'jarra.

Ela sentiu a espinha se retesar, mas fez o que pôde para continuar imóvel, os joelhos na terra, as mãos ao lado do corpo curvado adiante. Com sorte, aquilo logo acabaria.

“Akil’zon!”, clamou Kinduru. “Botamos tua marca nessa filha escolhida.” Ele mergulhou na tigela um dedo, que saiu tingido de vermelho profundo, e então riscou os braços, ombros e pescoço de Zul’jarra.

“Você é a cara da tua mãe”, murmurou Kinduru enquanto a marcava. “Mas eu vejo a ferocidade do teu avô nos teus olhos, afiados e perigosos.”

A raiva ardeu como veneno na barriga de Zul’jarra. “Eu não pareço nada com ele.”

O sorriso de Kinduru se desfez nos cantos enquanto ele a fitava, ainda ajoelhada no centro do círculo de tochas, com a fumaça e o cheiro enjoativo dos óleos cerimoniais pesando o ar.

O orador ergueu a voz mais uma vez. “Grande águia, recebe a mente, o corpo e o espírito dela debaixo da tua asa. Dá força e sabedoria pra ela. Zela por ela, guia ela, pra ela fazer o mesmo pelo povo dela.” A mão sem tinta caiu em cima da cabeça da trolesa. “Zul’jarra, nascida do sangue de Zul’jin, em breve Chefe dos Amani.” As palavras soavam firmes, mas o leve curvar dos lábios revelava o orgulho que ele sentia.

“Ainda não entendi por que ela tem que fazer isso.” Zul’jan estava ao lado da mãe dos dois, fora do círculo. “E não entendo por que tu tem que renunciar.”

“Então você faz força pra não entender”, acusou a Chefe Zarama de trás de dentes cerrados.

A irritação de Zul’jarra correspondia à agressividade da resposta da mãe. Por que o irmão sempre fazia questão de cutucar assuntos desagradáveis como se fossem um machucado? E logo agora, ainda por cima. A cerimônia deveria ter sido um momento de celebração da família deles. Os dois aqui para testemunhar a ascensão dela. Em vez disso, um fio de tensão entremeava tudo, rijo como uma corda de arco.

“Tu se preocupa com a tua irmã, mas ela é forte. Mais forte que eu”, continuou Zarama.

Zul’jarra precisou reunir cada gota da sua farta força de vontade para não desviar os olhos para os ferimentos da mãe. Queimaduras escondidas por um manto que Zarama segurava ao falar.

“Forte o bastante pra desencorajar desafios das outras tribos.”

“E tu não és?”, retrucou Zul’jan. “A poderosa Zarama, que enfrentou um dendronim sozinha na calada da noite. Então, ferida da batalha, marchou pra casa com as cicatrizes da vitória, hein?”

Algumas semanas atrás, a caravana da mãe deles foi emboscada pelos gigantes que vagavam pelas florestas ao redor do assentamento. Os monstros esmagaram as costelas dela com um tronco flamejante, estilhaçaram a perna. Até o maior dos trolls teria dificuldade de se curar dessas queimaduras.

“Além de tudo que você já fez”, concluiu Zul’jan com um “tsc”, a voz trazendo Zul’jarra de volta ao momento atual. “Isso não basta?”

Poucos seriam páreo para a mãe dela, é verdade, mas Zul’jarra já tinha começado a desenvolver a própria lenda, e não só como filha de Zarama. Suas habilidades em combate eram inegáveis, tendo sido testadas não só no treinamento, mas nas matas, em missões de reconhecimento e escaramuças nas fronteiras para proteger as terras que ainda não tinham sido roubadas.

“Tu não precisa defender meu nome”, afirmou Zarama, pousando a mão no ombro do filho. “Ele se sustenta sozinho. Mas essas feridas... eu talvez não me cure delas”. Ela segurou o manto com mais força. “Se eu continuar como chefe, for desafiada e derrotada...”, ela não precisou terminar. Todos entendiam o que isso significaria para a família. Para o povo.

“Mas você pode...”, começou Zul’jan, franzindo os lábios em volta das presas.

“Chega, Jan”, cortou Zul’jarra, sem paciência para os protestos do irmão. “Isso vai acontecer. Sempre foi inevitável.”

Zul’jan baixou a cabeça em deferência, não poderia discutir com esse fato. Ela era a mais velha. Esse era o caminho dela.

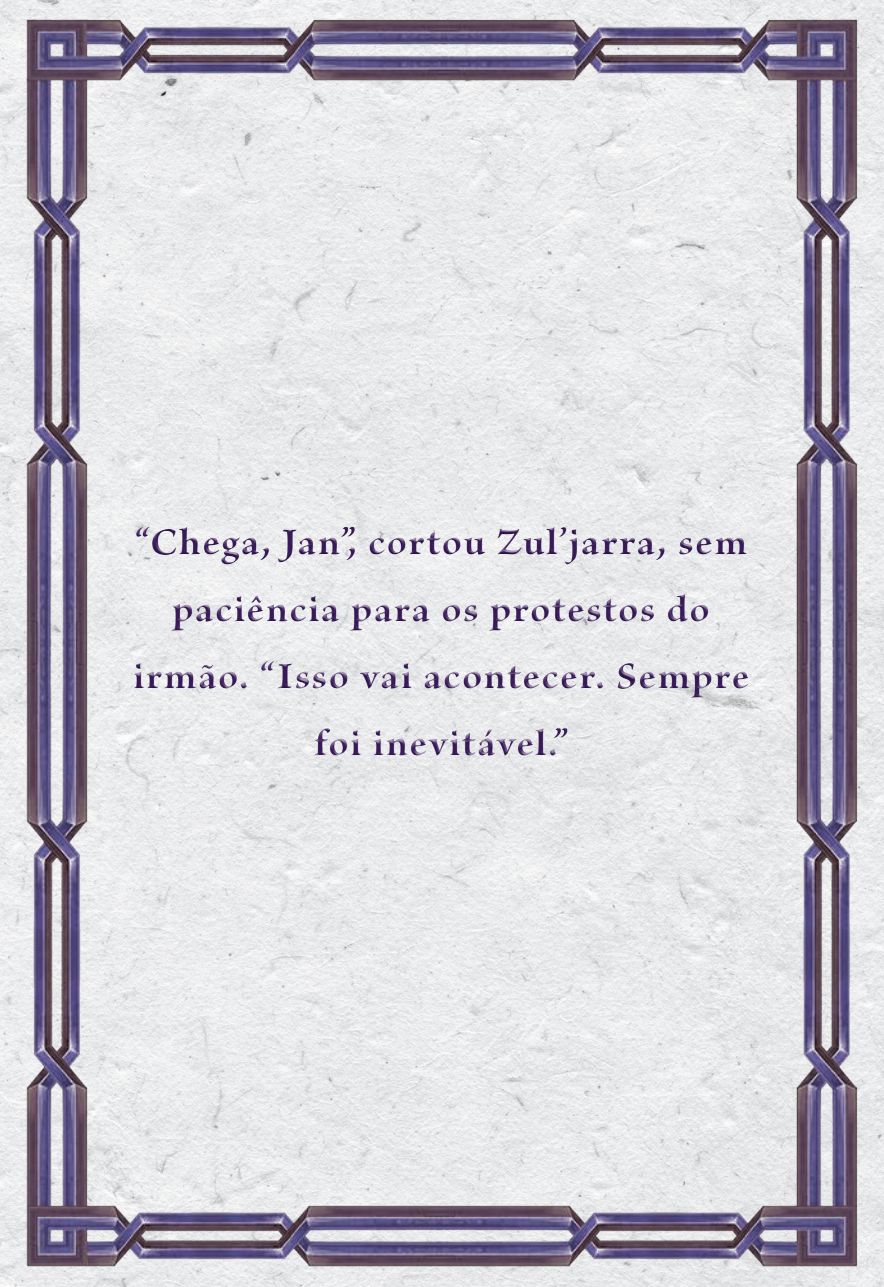
“Se vocês já terminaram”, observou Kinduru, que aguardara calado enquanto eles discutiam, como fazia com tanta frequência, e então pigarreou.

Zarama sibilou entre os dentes e fez um gesto para que continuassem.

Zul’jarra se virou para o tio.

“Como eu ia dizendo”, continuou ele, pousando a mão na cabeça de Zul’jarra novamente. “Zul’jarra, nascida do sangue de Zul’jin, em breve Chefe dos Amani. Erga-se, e se apresente digna.”

Zul’jarra se levantou, com joelhos protestando e pernas dormentes. Ela



“Chega, Jan”, cortou Zul’jarra, sem paciência para os protestos do irmão. “Isso vai acontecer. Sempre foi inevitável.”

imaginou o tio tagarelado sobre como, nos tempos dele, todos conseguiam ficar ajoelhados por horas sem problema. “Só que os jovens não rezam mais.”

Porque não tem ninguém pra escutar a gente.

“De um para o outro, que seja passado”, finalizou ele, se afastando e se curvando.

Zarama se aproximou da filha, deixando o manto cair para revelar a própria palma pintada e um vislumbre da pele nodosa no limiar da carne cheia de cicatrizes, ferindo alguma coisa dentro de Zul’jarra.

Com dedos firmes, Zarama deixou a marca no rosto e no destino da filha.

Zul’jarra notou certa ternura dançando nos olhos da mãe. Um afeto. Que então sumiu.

“As outras tribos esperam nossa chegada”, anunciou Zarama, pegando o machado. Era uma arma imensa, com espetos longos como os dedos dela envolvendo a cabeça da lâmina e chamas no coração. Ela vacilou com o peso. Zul’jarra e Kinduru fizeram menção de ajudar. Até Zul’jan deu um passo à frente, mas Zarama os dispensou com um aceno e se recompôs, endireitando os ombros e erguendo a cabeça. “Vamos saudar o futuro dos Amani.”



A jornada do santuário de Akil’zon até o salão de reuniões não era nada longa. Uma única ponte pendia suspensa entre as duas estruturas, que ficavam nas duas colinas mais altas. Amani’Zar se estendia ao redor delas. A aldeia se tornara algo como um ponto de referência para aqueles que buscavam se afastar das lâminas e da magia dos elfos superiores. Os colonizadores e os aliados deles saqueavam as terras Amani e tomavam o território, expulsando o povo de seus lares, quando não os matavam. Na aldeia, sob a cobertura do Fronte de Akil’zon, havia segurança. Abrigo. Era uma terra soberana, outrora sob a proteção da loa. Sobreviventes paravam para se recuperar antes de seguir adiante, ainda que alguns decidissem ficar.

Assim, os Amani sobreviveram às sombras das vastas cidades que um dia se espalharam pelo império. Cidades que Zul’jarra jamais vira, mas que ainda ocupavam



seus sonhos, cada rocha colocada ali pelas histórias dos anciãos.

Quando ela e o irmão eram mais novos, o tio e a mãe falavam do passado, de como os loas ocupavam os templos e de como os porta-vozes, então numerosos, invocavam as bênçãos deles para tudo, desde a unção de um novo chefe ao nascimento dos rebentos. O povo oferecia bênçãos antes de comer, de viajar, de visitar amigos e parentes, antes de plantar ou colher, antes de apostar em jogos ou torneios. A reverência aos deuses saturava todos os aspectos da vida Amani.

A gente era verdadeiramente abençoado, dizia Kinduru com um olhar distante. De admiração e anseio.

Agora há quem diga que os Amani têm sorte de estarem vivos.

Enquanto o grupinho seguia, Zul'jarra avistou novos rostos misturados ao povo dela. Talvez *misturados* não fosse a palavra certa. Os visitantes ficavam em grupos fechados, ainda que alguns se afastassem para falar com outros. A armadura em um tom de marrom profundo e a pintura pálida dos Cascaseca era fácil de identificar, assim como o amarelo brilhante e o laranja ardente dos Pinumbra ou os verdes e azuis vibrantes dos Ramatorpes. Os ossos nas máscaras facilitavam muito a identificação.

De fato, o número de caras brancas em meio ao verde era surpreendente. E preocupante. “São muitos, hein?”

“Também notei”, murmurou Kinduru sem se virar. “Parece que Kol'anji trocou os anciãos por guerreiros.”

Zul'jarra mal conteve um rosnado. O tempo que ela passou ao lado da mãe incluiu muitas reuniões com líderes de outras tribos. De todos eles, era do arrogante Kol'anji que ela menos gostava.

“Não vejo nenhum Revatusco”, observou ela.

“Também não.”

“Será que se atrasaram?”

“Talvez”, assentiu Kinduru, não parecendo estar muito convencido.

Ela também não estava. Poucas coisas boas resultavam da ausência do cortejo de uma tribo inteira.

Havia guardas dos dois lados da entrada do salão de reuniões. Com a aproximação de Zarama, eles se endireitaram e prestaram continência. Os sons e cheiros do evento alcançaram Zul'jarra antes da visão. Couro oleado, o forte aroma

das raízes e ervas dos xamãs e, por baixo disso tudo, o odor acre do suor.

Lá dentro, cada tribo tinha ocupado o lugar de sempre no salão. Havia tantos Ramatorpes que eles se espalharam pelo espaço vazio reservado para os Revatuscos. Zarama parou para cumprimentar pessoalmente o representante de cada tribo, e Zul'jarra aproveitou a chance de esquadrihar o lado leste do lugar.

E, de fato, um rosto familiar surgiu das sombras. Um vulto alto e esguio, encostado numa coluna de braços cruzados, os olhos verdes penetrantes examinando os presentes. Zul'jarra esperou até os olhares se encontrarem, então inclinou a cabeça num convite silencioso. O vulto sumiu na multidão, desaparecendo por um momento até ressurgir ao lado dela.

“Zul'jarra.”

“Ral'ji.” Zul'jarra não se virou para falar com a trolesa. Em vez disso, manteve os olhos na mãe, que ainda concluía os cumprimentos. “Alguma notícia dos Revatuscos?”

“Nenhuma”, respondeu Ral'ji. Ral, nem um ano mais velha que Zul'jarra, era uma das melhores batedoras da tribo. Se houvesse algo de errado, ela seria capaz de descobrir. “Preparei um pequeno grupo de buscas, por via das dúvidas.”

“O que quer que tu encontrar, manda notícias.”

Ral'ji fez uma reverência e então se afastou, desaparecendo do salão.

“O que foi isso?”, indagou um sussurro curioso atrás de Zul'jarra. O irmão dela com certeza tinha ouvido a conversa, mas felizmente não interrompera.

“Tenho um palpite.” Ela lhe lançou um olhar que esperava indicar a ele que conversariam sobre isso depois. Havia muitos olhos atentos e orelhas erguidas ao redor deles.

Zul'jan franziu o cenho. Ele claramente tinha perguntas, mas as guardou detrás de lábios cerrados com força.

“Cuidado pra sua cara não ficar assim pra sempre”, comentou Zul'jarra.

“Eu ia continuar sendo o mais bonito.”

Ela sorriu pela primeira vez em horas. Só o Jan, mesmo.

Logo o grupo estava em movimento de novo. O rumor das conversas cessava com a passagem deles, os presentes baixando a cabeça ou saudando Zarama. Não passou despercebido que alguns dos Ramatorpes não fizeram nem um nem outro.

Zarama chegou à mesa na cabeceira do salão e se sentou. Zul'jarra ficou de pé do lado direito da mãe e Zul'jan do lado esquerdo, enquanto Kinduru fez uma reverência antes de se afastar completamente para o lado.

Zul'jarra seguiu o olhar da mãe enquanto pousava em cada um dos representantes diante do grupo. Bem, dois dos três. Kol'anji continuou sentado, com uma leve expressão de escárnio, que se intensificou quando o olhar dele cruzou com o de Zul'jarra, que, por sua vez, estremeceu de repulsa.

“A gente tem muito o que discutir, hm”, começou Zarama.

Cabeças menearam e vozes soaram em concordância pelo aposento, como chuva.

“Nossos batedores trazem notícias de novas linhas de suprimentos do sul. Atrás das muralhas douradas, os elfos tão construindo alguma coisa. A gente tem que se preparar para o que der e vier.” Zarama lançou o olhar para a seção dos Revatuscos vazia, detendo-se apenas por um instante. “Para tanto eu... eu não serei mais a sua chefe. Terei minha filha, Zul'jarra, liderando em meu lugar.”

Ao ouvir o próprio nome, Zul'jarra deu um passo adiante.

Zarama continuou. “Treinada pela minha mão, ela desbravou muitos perigos pra garantir a segurança do nosso povo. Ela estudou nossos inimigos, conhece as táticas deles e trará o ajuste de contas. As lendas da nossa linhagem cantam no sangue dela.”

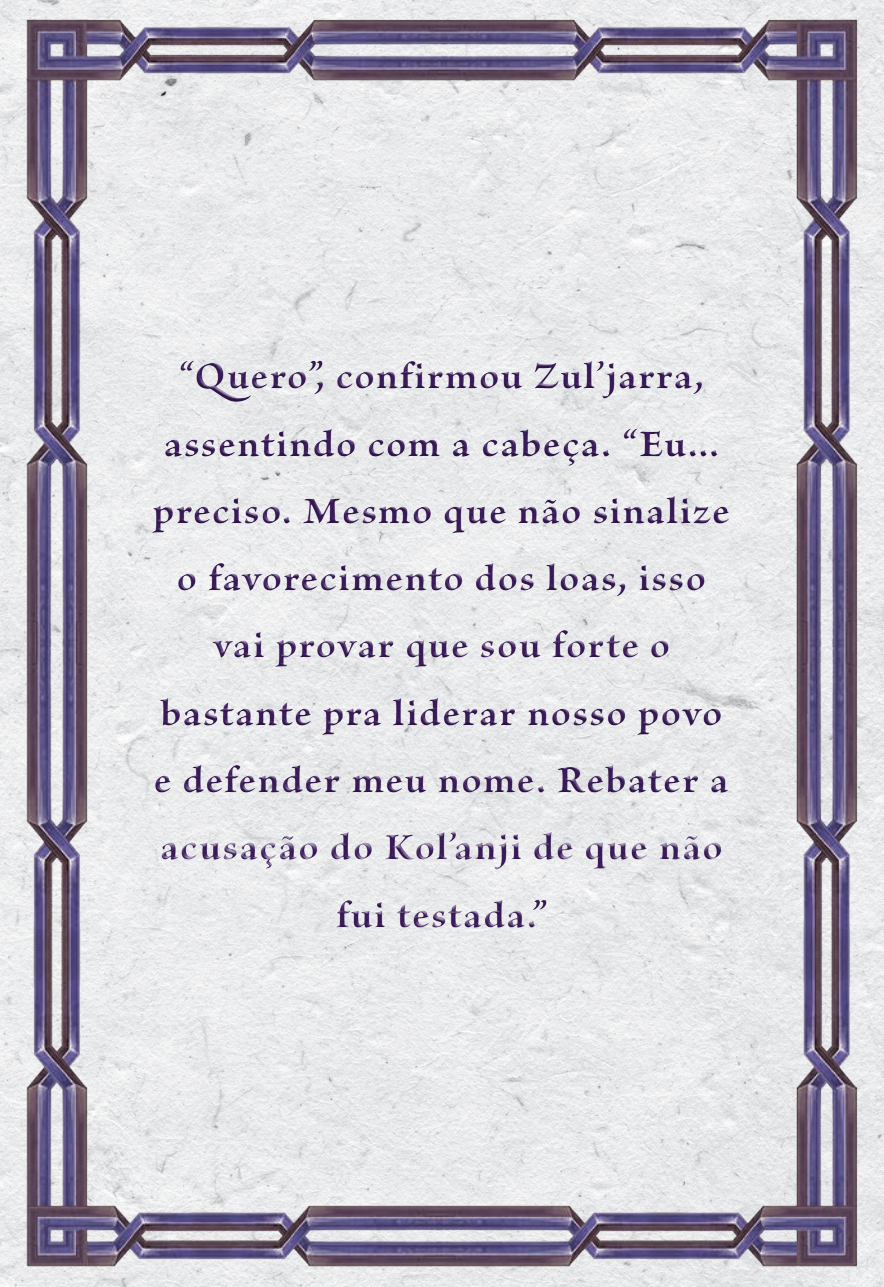
Vivas irromperam pelo salão, e o orgulho cresceu no peito de Zul'jarra. O momento chegara. Tudo que a mãe, o... o pai e o tio tinham instilado nela, fora tudo por aquele momento. Ela ergueu o queixo como tinha visto a mãe, a chefe dela, fazer tantas vezes.

“Acredito”, interveio uma voz desagradavelmente familiar, “que, antes que o manto seja passado, a gente tem o direito de falar.” Kol'anji se inclinou para a frente, flexionando os braços musculosos cobertos mais por cicatrizes que por pele.

Zul'jarra cerrou a mandíbula com força.

“Kol'anji”, respondeu Zarama com postura experiente. “Quer falar?”

“Quero”, confirmou o líder dos Ramatorpes com um sorriso que era só dentes. Ele finalmente se levantou, pegando uma maça imensa. A cabeça estava desgastada de tanto esmigalhar inimigos, e o pomo fora entalhado numa cruel lança manchada de vermelho. Ele ergueu a arma numa só mão e a apontou para Zul'jarra. “Tu afirma que essa garota conhece os elfos. Ela já enfrentou eles em algo mais do que



“Quero”, confirmou Zul’jarra, assentindo com a cabeça. “Eu... preciso. Mesmo que não sinalize o favorecimento dos loas, isso vai provar que sou forte o bastante pra liderar nosso povo e defender meu nome. Rebater a acusação do Kol’anji de que não fui testada.”

escaramuças de fronteira? Encarou as fileiras, o dilúvio de flechas, o fogo nas pontas dos dedos deles, e decidiu lutar mesmo assim?”

Não era a primeira vez, desde que soubera que seria a chefe, que Zul'jarra sentia um vazio dentro de si. Uma ausência que ela não sabia como reconciliar.

“Nããããã? Não é de surpreender.” Kol'anji trocou de alvo, apontando um dedo grosso para Zarama, que permanecia imóvel. “Os fracassos da tua família nos custaram o pouco que nossos inimigos não tomaram. Agora tu apresenta essa criança inexperiente pra nos liderar?” Ele puxou o ar entre os dentes, o insulto alcançando cada canto do salão. “Acho que não.”

“Tu decide fazer isso logo agora?”, inquiriu Zul'jarra, tomada por pura fúria. “Quer criar um conflito interno enquanto os elfos podem estar preparando um ataque?”

“Os elfos são o menor dos teus problema, garota”, retrucou Kol'anji, com um deleite insano estampado no rosto. Ele passou a língua nos dentes, mexendo na tira de couro em uma das presas. “Eu invoco o direito de desafio.”

O salão foi tomado por gritos acusatórios de traição de um lado e exigências de aceitação do desafio do outro. Zarama ergueu as mãos exigindo silêncio, mas as tribos continuaram a sibilar e cuspir. Armas surgiram em punhos erguidos. Insultos e acusações voavam como lanças.

“Cretinos, todos eles”, resmungou Zul'jan, fingindo desinteresse, mas os olhos arregalados revelavam preocupação.

Farta, Zul'jarra catou da mesa o machado da mãe. Ergueu a arma bem alto e, com um rugido, golpeou. A lâmina bateu no piso com um som de trovão e uma teia de rachaduras se abriu na rocha. Um rosnado curvou os lábios dela enquanto erguia a arma do chão fraturado.

“Sua chefe pediu ordem”, afirmou ela aos presentes, encarando o ainda sorridente Kol'anji.

Zul'jarra voltou para junto da mãe, deixando um rastro de silêncio. Zarama tinha uma expressão ilegível, mas a raiva que se revolvia em Zul'jarra reluziu nos olhos da mãe.

“Muito bem”, decidiu Zarama, com a voz da calma que antecede a tempestade. “O desafio vai ser aceito.”



Por algum milagre, o conclave se dispersou sem violência. Kol'anji reuniu as tropas e se retirou para além dos limites da comunidade. As outras tribos voltaram aos respectivos alojamentos. O salão estava vazio, exceto por Zul'jarra e sua família. Ainda que um conflito generalizado tivesse sido evitado, ainda havia muito pelo que brigar.

“Me deixa enfrentar ele!” A irritação latejava nas têmporas de Zul'jarra. “Ele é só *um troll!*”

“Jarra”, começou a mãe, massageando a têmpora.

“Eu dou conta!”

“Não”, exclamou Zarama, cortando o ar com a mão. “Kol'anji pode ser uma cobra ardilosa e traiçoeira, mas tem presas afiadas e um golpe mortal.” O olhar dela pousou no machado, na mesa novamente. “Se ele quer lutar, então *é comigo* que ele lutará.”

A incredulidade se instalou na garganta de Zul'jarra como um punho.

Antes que ela conseguisse engolir, Kinduru interveio. “E tu vai perder. Não me olha assim; eu tava lá quando tu praticamente despencou na cabana de cura. Tu tava em péssimo estado, mas, graças aos loas, tava viva. Tu só se recuperou o bastante pra convocar o conclave e comparecer à cerimônia; tu não tem como enfrentar outro guerreiro numa luta até a morte. Além disso, se tu for no lugar da Jarra, só vai sabotar ela.” O porta-voz olhou da mulher do irmão para a sobrinha, então de volta. “Foi Zul'jarra que ele desafiou. Por direito, a decisão é dela.”

“E quanto ao próximo desafiante?”, indagou Zul'jan. “Ou o que virá depois? E aquele que virá depois ainda?”

“Por que teria...” perguntou Zul'jarra, estreitando os olhos para o irmão.

“Kol'anji não comprou só uma briga, ele te chamou de indigna. Vencer ele não vai fazer isso desaparecer.”

Infelizmente, o irmão tinha razão. Considerando as reações no conclave, mais gente compartilhava dos sentimentos de Kol'anji. Talvez ela tivesse que passar o resto da vida como chefe enfrentando desafiantes.

“No meu tempo...”, começou Kinduru.

“Lá vai ele de novo”, murmurou Zul’jan.

“*No meu tempo*”, Kinduru recomeçou, com uma olhada cortante para o neto, “o favorecimento de um loa já bastava pra dissuadir desafiantes.”

“Os loas se foram”, ralhou Zarama, perdendo a paciência. “Assim como o favorecimento deles.”

Em momentos assim, era fácil perceber como a ausência dos loas assombrava as tribos. Como uma ferida que fechou sem ser curada, o povo dela se recuperava, mas levaria essa dor pelo resto da vida.

“Os loas tão *sumidos*, mas o favorecimento deles continua.” Kinduru se virou para Zul’jarra. “Você tem que subir até o templo de Akil’zon.”

“Isso tá fora de questão!”, retrucou Zarama. “A montanha tá perigosa demais!”

“No templo, tu vai achar um machado”, insistiu Kinduru. “Akil’zon deu ele pro nosso povo há muito tempo. Um presente dos loas que carrega o toque divino deles. E, ainda que a jornada seja perigosa, não é impossível. Voltar com o machado seria pra muitos prova suficiente de que, ainda que silenciosos, os loas ainda zelam por nós. Por tu. Derrota o Kol’anji com ele. Mostra pra eles que tu é digna de verdade.”

O silêncio se estendeu e preencheu o salão. Zarama desistiu de qualquer que fosse a resposta que tinha preparado ao perceber, assim como os outros, que aquela provavelmente seria a única forma de garantir a estabilidade do reinado da filha. Ela fechou os olhos e soltou um suspiro tão pesado que até Zul’jarra sentiu os ombros pesarem.

“Tu quer mesmo fazer isso?”, perguntou Zarama com voz suave, mas carregada.

“Quero”, confirmou Zul’jarra, assentindo com a cabeça. “Eu... preciso. Mesmo que não sinalize o favorecimento dos loas, isso vai provar que sou forte o bastante pra liderar nosso povo e defender meu nome. Rebater a acusação do Kol’anji de que não fui testada.”

Sem dizer mais nada, Zarama se levantou e deu a volta na mesa. Zul’jarra percebeu como ela usava mais a perna direita, num leve mancar, mas não disse nada. Simplesmente aceitou os braços abertos.

“O desafio exige dois dias de preparação”, sussurrou Zarama nos cabelos da filha. “Posso enrolar por esse tempo, mas, se tu não tiver de volta no terceiro...”

“Eu vou voltar, mãe.”

O abraço se apertou, quase dolorosamente. “Tu volta pra mim, ouviu? Tu volta.”



Com a decisão tomada, Zul'jarra passou aos preparativos. A montanha não era distante, mas o templo ficava num pico bem alto, e os ventos encantados que levavam as pessoas à plataforma sumiram no dia em que os loas desapareceram. Sem a bênção da Mãe Celeste, a escalada era praticamente uma sentença de morte, que Zul'jarra teria que enfrentar.

Os olhos da trolesa contemplaram a mesa que ocupava o centro de seus aposentos. Geralmente, estava coberta de mapas e correspondência, mas, naquela noite, Zul'jarra a ocupara com as provisões necessárias para a jornada.

Alguém bateu à porta, distraíndo-a da tarefa. “Entre.”

Para surpresa de Zul'jarra, foi o irmão dela que entrou. Zul'jan olhou a mesa coberta de suprimentos. “Pouco para uma jornada de dois dias.”

“Mais que suficiente para o que eu preciso fazer.”

Zul'jan se encostou na porta fechada. Nenhum dos dois falou enquanto ela arrumava a bagagem, o silêncio pesando cada vez mais até ficar insustentável. “Tem *outras* formas de derrotar Kol'anji. Formas que não envolvem você arriscar a vida por uma arma cerimonial que não significa nada, agora que os loas se foram.”

Não foram as palavras em si, mas o jeito como ele falou, baixinho, como se compartilhasse um segredo, que fez Zul'jarra parar. Ela o examinou com cuidado. “Por exemplo?”

“Um veneno.”

“Tentador”, admitiu Zul'jarra. “Mas não.”

“Nada forte a ponto de tirar a vida dele, só... deixar mais lento. Tirar a força dele por um período. Dar tempo pra mãe...»

“Então tu também duvida de mim, não é?”, retrucou Zul'jarra, virando-se para encarar o irmão. Ela sentiu os lábios se franzirem e o cenho se erguer num desafio para que ele respondesse.

Zul'jan respondeu ao olhar com a confiança tranquila de sempre. Uma vida inteira juntos o ensinara a lidar com os humores da irmã. “Sou provavelmente a única pessoa que *nunca* duvidou de tu, mas, se tu quiser ter chance contra Kol'anji, deveria passar os próximos dias descansando! Treinando! Qualquer coisa menos perseguindo um conto de fa...”

“Chega, Jan. *Chega!*”, bradou ela, cortando o ar entre eles com a mão. “Eu vou buscar o machado. Eu *tenho* que fazer isso.”

“Por quê?”, perguntou ele, ao mesmo tempo indagando e implorando. Ela via nos olhos dele: a mágoa, o medo. Por ela.

“Eu tenho e ponto. Não espero que tu entenda”, afirmou Zul'jarra. Ela queria abraçar o irmão. Apertá-lo bem forte e prometer que tudo ficaria bem.

“Então acho que é bom que eu não entenda”, devolveu ele, um vislumbre de uma dor diferente correndo pelo rosto.

“E nunca vai entender”, concluiu Zul'jarra, com a sensação de pedras no estômago. Ela voltou aos preparativos.

O silêncio retornou. A trolesa fez o que pôde para ignorá-lo, para ignorar a sensação dos olhos do irmão se cravando em sua nuca. Então, antes que ela cedesse à necessidade de dizer qualquer coisa, mandá-lo sair, Zul'jan falou.

“Sei que tu é muitas coisas, irmã. Constante. Passional. Forte. Bondosa. Mas nunca tola. Até agora. Não deixa a teimosia te custar mais do que tu pode dar.”

A porta bateu atrás dele.

Sozinha, Zul'jarra simplesmente ficou parada no silêncio. Sabia que as palavras do irmão eram motivadas por preocupação, mas sugerir táticas tão ardilosas... Por outro lado, os Ramatorpes não eram lá conhecidos pela moral rigorosa.

“Não estou com paciência para mais das tuas bobagens, Jan”, ralhou ela quando outra batida à porta interrompeu seus pensamentos.

“O que ele fez dessa vez?”, indagou uma voz divertida.

Zul'jarra se virou e viu Ral'ji na entrada, com uma expressão de provocação amistosa, e não conseguiu conter um leve sorriso.

“Nada. Só que... meu irmão tem um jeito de falar. Às vezes, o jeito errado”, admitiu Jarra, indicando a Ral que deveria entrar. “O que você descobriu?”

“Os Revatuscos não foram detidos; eles não vieram”, revelou a batedora após fechar a porta.

“O quê?!”

“Eles não vieram”, repetiu Ral’ji, abrindo as mãos como num pedido de desculpas. “Em protesto a... Em protesto.” Ela não tinha que dizer o motivo; Zul’jarra já sabia.

“A mim”, vociferou Zul’jarra. “A eu me tornar a chefe.”

“Talvez.” Ral’ji atravessou o quarto e se sentou na cama. Deu tapinhas no espaço ao lado, num chamado silencioso. “Minhas fontes dizem que estão preocupados com os rumores sobre os elfos se fortalecendo.”

“Não só eles”, disse Zul’jarra, se jogando ao lado de Ral e provocando uma risadinha.

“Não, mas o protesto é mais um julgamento sobre o que aconteceu da última vez que as tribos juntaram forças do que de tu, pessoalmente. Se isso te ajudar a se sentir melhor.”

“Não ajuda.”

“Não é por tua causa”, assegurou Ral’ji, cuja expressão se suavizou enquanto ela pegava a mão de Zul’jarra nas dela.

A pressão cálida dos dedos era um conforto, mas os pensamentos traiçoeiros de Zul’jarra não a deixavam em paz. “Não, só por causa da minha família. Mais uma pedra que meu avô pendurou no meu pescoço.” Ela se curvou para a frente, levou as mãos ao rosto e engoliu um grunhido frustrado.

“Não vou fingir que sei pelo que tu tá passando.”

Ral’ji pousou as mãos nos ombros de Zul’jarra, tirando-a da fossa.

“Mas tu não precisa enfrentar isso sozinha.” Ela então pousou as mãos no rosto de Zul’jarra, os polegares acariciando as bochechas. “Tem gente que poderia ajudar. Gente que gosta de você.”

“Eu sei”, admitiu Zul’jarra, a raiva passando. Ela curvou a cabeça e fechou os olhos, no que a testa de Ral’ji tocou a dela.

“Porém tu vai escalar a montanha maldita sozinha”, observou Ral, que, sem dúvida, teria muito a dizer sobre a decisão de Zul’jarra.

“Já escalei muitas montanhas sozinha.”



“Eu iria contigo.”

“Eu sei.”

“Sem hesitação.”

“Eu sei.”

“Se tu sabe tanta coisa, então sabe que não tô feliz com isso”, argumentou Ral’ji com um suspiro, o som pesado com a resignação e decepção discreta de estar incapaz de ajudar a quem você ama.

“Aham.”

“E que eu sempre estarei ao seu lado”, continuou Ral’ji, abraçando Zul’jarra com força no escuro. “Sempre.”



O silêncio imperava na aldeia quando Zul’jarra saiu discretamente de casa e seguiu as trilhas vazias. Sob a cobertura da noite, ela se esgueirou até a floresta sem alertar as sentinelas Amani ou o contingente de Ramatorpes acampado à porta deles.

Com passo veloz, mas constante, ela repassou o plano pela centésima vez. Estava escuro demais para distinguir a parte mais íngreme da subida, mas ela iria tão longe quanto fosse possível. Se partisse de novo com o raiar do sol, poderia alcançar o pico no meio da tarde. Então seria só uma questão de achar o machado, descer a montanha e voltar a tempo de comparecer ao desafio de Kol’anji. Era um plano vago, com muitas oportunidades de interrupção, mas era só o que ela tinha.

Ao longo do caminho, ela passou por pequenas capelas dedicadas a Akil’zon. No passado, os monumentos estariam cobertos de velas e oferendas deixadas pelos fiéis: tributos criados pelas mãos de um crente ou cestos de comida. Alguns até ofereceriam pelegos de caçadas. Tudo para obter favorecimento em vários aspectos da vida. Depois que os loas pararam de falar, as capelinhas ficaram vazias e escuras.

Foi num desses pontos sagrados que Zul’jarra decidiu acampar. A área era relativamente plana, um tanto aberta, mas elevada. Não era lá a mais protegida, mas era defensível, se necessário.

Jarra baixou a sacola e começou a pegar as coisas necessárias para passar a noite. Em volta dela, a floresta seguia imóvel. Sem vento, sem criaturas escavando

o subterrâneo. Porém sua experiência com a mata indicava que, quando as folhas farfalhavam um pouco forte demais, ela não estava sozinha.

Fez menção de puxar algo da sacola, mas fechou a mão em volta da lança.

Outro farfalhar, agora mais próximo.

Então, mais próximo.

Quando o suposto atacante chegou à margem da clareira, Zul'jarra saltou para o alto, girando nos calcanhares no mesmo movimento. Havia um vulto nas trevas. Ela pulou, pronta para cravar a arma no coração dele.

"Jarra!", exclamou a figura, erguendo as mãos em defesa.

"J-Jan?!" O choque paralisou Jarra no meio da investida, e ela quase caiu na tentativa de conter o ataque.

Os olhos do irmão estavam arregalados à luz das luas, alternando entre ela e a ponta da lança.

"O que tu tá fazendo?", inquiriu ela num sibilo.

"Não perdendo a cabeça, espero", respondeu Zul'jan, baixando as mãos lentamente.

"E quase falhando!", exclamou Jarra, baixando a arma sem deixar de bater o pomo no braço do irmão idiota. "Eu podia ter te matado!"

"Tu é hábil demais pra isso», assegurou Zul'jan, seguindo até onde a sacola estava pousada.

"Por que tu tá espionando no escuro?"

"Não é óbvio?", perguntou ele, naquele tom sarcástico característico. "Tô aqui pra ajudar."

"Não preciso da tua ajuda."

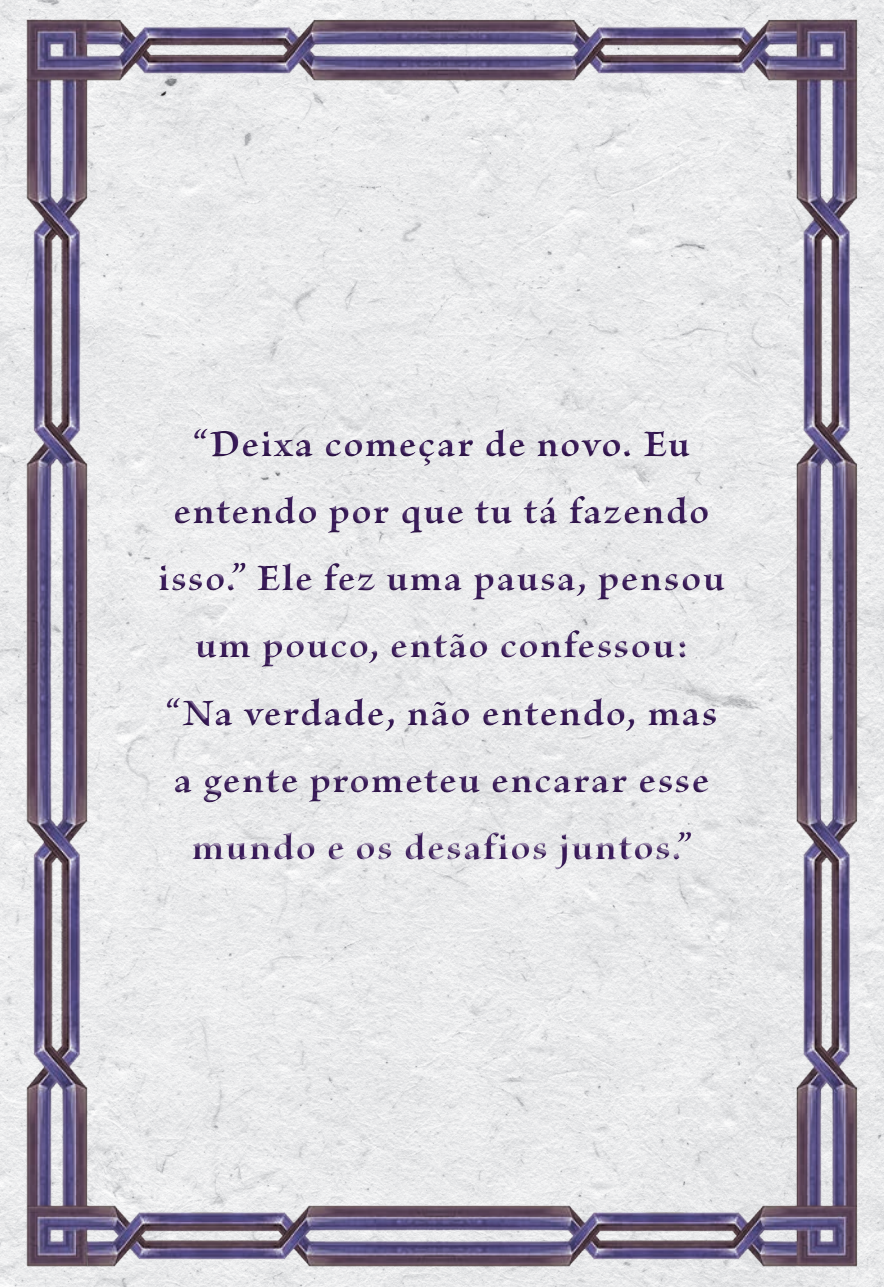
"Pode ser que precise."

"Tu podia ter sido atacado por um dendronim! Ou pelos elfos!"

"E tu também. Olha, sei que tu meteu na cabeça que tem que fazer tudo sozinha. Tu é assim desde que a gente era criança."

"Tu ainda é criança", resmungou Zul'jarra com uma careta, na esperança de que, mesmo que ele não pudesse ver o rosto dela, pudesse ao menos *sentir*.

"Mas é tu que tá dando um chique", retrucou Jan, esquivando-se de outro golpe da lança. "Deixa começar de novo. Eu entendo por que tu tá fazendo isso." Ele



“Deixa começar de novo. Eu entendo por que tu tá fazendo isso.” Ele fez uma pausa, pensou um pouco, então confessou: “Na verdade, não entendo, mas a gente prometeu encarar esse mundo e os desafios juntos.”

fez uma pausa, pensou um pouco, então confessou: “Na verdade, não entendo, mas a gente prometeu encarar esse mundo e os desafios juntos. Tu sempre ia ser a líder, e eu sempre ia estar do teu lado pra te apoiar. Se é assim que começa, com tu escalando uma montanha no meio da noite maldita pelos loas pra achar um machado bacana, então tô contigo.”

Encarando o irmão, ouvindo as palavras dele, as últimas brasas da ira de Zul’jarra esfriaram. “Era pra tu ser o inteligente”, suspirou ela, balançando a cabeça.

“Eu sou”, disse Zul’jan, sorrindo com olho cintilantes.

“É uma bela burrice vir atrás de mim. Eu viajo por essas florestas sozinha o tempo todo; tu ainda se perde nos mercados.”

“Em minha defesa”, começou Zul’jan enquanto se aproximava, “aquilo é o caos encarnado. E não tem como eu me perder te seguindo.”

Apesar das recentes discussões, Zul’jan esteve à sombra de Zul’jarra a vida inteira. Não tramando traição ou planejando a própria ascensão, mas genuinamente presente para cuidar dela, como sempre soube que ela cuidaria dele.

“Muito bem. Se tu vem junto, pelo menos seja útil. Cata lenha pra fogueira.”

Com a colaboração dos dois, a tarefa de montar acampamento foi bem curta. Logo os irmãos estavam sentados diante da luz trêmula de uma nova fogueira, rações esquentando numa pedra. Zul’jarra cutucou as entranhas do fogo para extrair um pouco mais de luz e calor enquanto Zul’jan se ocupava com carvão e pergaminho. Ele estava desenhando, ela percebeu.

“Já faz um tempo que tu não faz isso.”

“Hum?”

Ela indicou o desenho.

“Eu desenho o tempo todo.” Jan riscou mais algumas linhas do que parecia ser um retrato. “Tu que não presta mais atenção.”

“*Não presta mais atenção*”, zombou Jarra em falsete. Depois, sorriu e se inclinou para a frente com interesse. O espanto a fez prender a respiração.

Não era perfeitamente idêntico, coisas feitas de memória raramente o eram, mas ela reconhecia o rosto mesmo assim.

“Esse é...”

“Papai”, Jan assentiu. “Desenho ele às vezes. Quando estou com medo de

estar esquecendo o rosto dele, ou quando me pergunto o que ele diria ou faria.” Jan inclinou o pergaminho para Jarra olhar melhor.

Zul’jarra fitou hipnotizada. Jan era pequeno quando eles perderam o pai, então fazia sentido que fosse difícil para ele manter a memória. Zul’jarra era só um pouco mais velha, mas, para ela, a lembrança nunca desapareceria.

Jarra se recordava dos braços fortes levantando-a até os ombros largos. Lembrava-se de como a risada ribombante do pai preenchia o lar. O pai deles fora um homem grande, com um grande coração. Kinduru zombava dele por ser sentimental. Comparado a Zarama, qualquer um parecia mole, mas isso nunca impediu Man’ye de mimar os filhos. Enquanto a mãe exibia a disciplina e a vontade férrea de um chefe, o pai encarnava o amor. Amor pela família e pelo povo. Zarama preparou os filhos para a realidade do futuro, para as provações que certamente viriam. Man’ye instilou neles respeito pelo passado, por quando os loas ainda encantavam o mundo e os sonhos de resgatar a grandeza do povo Amani não pareciam algo tão distante.

“O que tu acha que ele diria?”, indagou Zul’jan, tirando Zul’jarra das memórias. “Sobre tudo isso.”

“Não sei”, admitiu Zul’jarra, virando-se para conferir a comida e enxugar discretamente algumas lágrimas do rosto. “Talvez ele dissesse pra tu ir pra casa antes que se machuque.”

“Tu é mais velha e é a herdeira”, começou Zul’jan, estreitando os olhos e em seguida botando o desenho de lado e se aproximando. “Mas não se esqueça de que eu também estava lá. Para as lições da mãe, o treinamento dela. Durante longas noites em que o peso de tudo, não só da posição, mas da derrota que colocou o cargo nos ombros dela, o difícil legado que vinha junto, a retirada dos loas e a desconfiança crescente do povo, tudo isso quase esmagou ela. Sem o papai e o tio do lado dela, teria esmagado mesmo!”

Zul’jarra contemplava as chamas que se retorciam e dançavam. O irmão tinha razão, mas isso deixava a injustiça de tudo ainda mais insuportável.

“Foi tu quem nasceu para carregar o fardo, mas eu conheço ele tão bem quanto você. Não quero ver minha irmã destruída.»

“Não estou sendo destruída”, sibilou Zul’jarra, se afastando.

“Talvez não agora, mas e se tu continuar por esse caminho que escolheu?”, argumentou Jan. À luz tremeluzente do fogo, o olhar dele era firme e um tanto triste.

“Eu não *escolhi esse caminho*. Ele foi escolhido para mim. Que nem foi escolhido para nossa mãe.” Pelas ações do avô deles. Bem no fundo, Zul’jarra culpava Zul’jin pelo que se abatera sobre o povo. Se ele não tivesse permitido que o próprio orgulho o levasse a desafiar a Horda, a derrota subsequente dos Amani não os teria destruído. E, talvez, a queda dos Amani e da família dela não teria sido tão drástica. Apesar de toda a fanfarronice e pomposidade, Kol’anji tinha razão quanto a uma coisa: o fracasso fazia parte da herança dela.

“Tu tá com aquela cara”, observou Zul’jan, inexpressivo.

“Que cara?”, resmungou ela.

“A cara de ‘não ligo pro que o Jan disser, vou fazer o que eu tiver vontade’.”

“Tem uma cara pra isso?”, perguntou Jarra, abrindo um sorriso tímido apesar do mau humor.

“Aham. Essa.” Jan levou o punho cerrado até o rosto da irmã e pressionou. “Essa mesma.”

“Iih! Para com isso!” Jarra afastou a mão dele com um tapa e esfregou o rosto. O sorriso dela se alargou.

Jan tinha um sorriso idêntico. “Melhor assim”, comentou ele. “Não é bom dormir com raiva.”

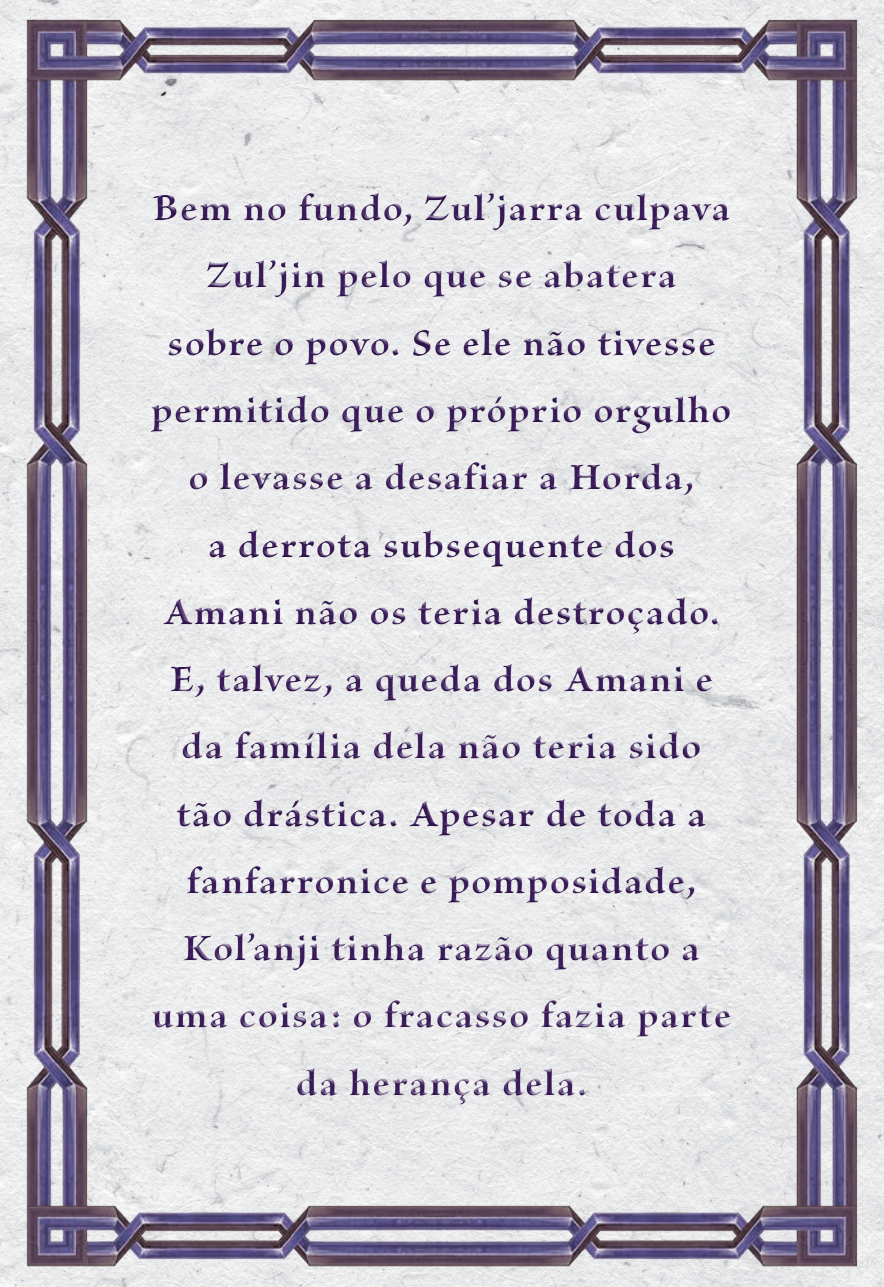
Outra lição do pai. Pensar nele pacificou alguma coisa em Zul’jarra. Ela daria de tudo para poder pedir o conselho dele sobre a situação. Mas ele se fora.

“Nós *podemos* voltar”, insistiu Zul’jan. “Inventar um plano que não inclua o risco de tu cair da montanha.”

“Eu não vou cair.”

“Mas poderia. Aí a mãe teria que enfrentar o desafio estando ferida e de luto. Como tu acha que isso acabaria?”

Ela sentia os olhos do irmão sobre ela, mas, em vez de responder, pegou um pedaço da refeição agora queimada e estendeu para ele. “Come. Depois descansa. Vamos ter um dia difícil amanhã.”



Bem no fundo, Zul'jarra culpava
Zul'jin pelo que se abatera
sobre o povo. Se ele não tivesse
permitido que o próprio orgulho
o levasse a desafiar a Horda,
a derrota subsequente dos
Amani não os teria destruído.
E, talvez, a queda dos Amani e
da família dela não teria sido
tão drástica. Apesar de toda a
fanfarronice e pomposidade,
Kol'anji tinha razão quanto a
uma coisa: o fracasso fazia parte
da herança dela.



O sol nem brotara totalmente no horizonte quando eles levantaram acampamento, com Zul'jarra à frente, ditando o passo. Zul'jan seguia em silêncio, acompanhado pelo constante risco e rabisco do bloco de desenho.

Que nem quando a gente era mais jovem. Jarra se lembrou de manhãs parecidas, acordar cedo para cuidar de uma variedade de tarefas com Jan na cola dela. Jan, sempre presente, sempre leal.

Ainda que não admitisse em voz alta, Jarra estava feliz que o irmão a tivesse seguido mais uma vez.

Eles não pararam para descansar nem para comer; em vez disso, compartilharam de um odre de água e pedaços de carne seca de javali enquanto caminhavam. De alguma forma, alcançaram a escalada final sem incidentes. Finalmente, um golpe de sorte.

“Certo”, assentiu Jarra, em seguida apertando os cordões da mochila. “Espera aqui enquanto eu...”

“*Espera aqui?*”, exclamou Zul'jan com uma risada incrédula. “Tu ainda quer fazer isso sozinha?”

“Eu vou mais rápido se...”

“Se tu tá tão determinada a morrer, por que simplesmente não pula da montanha e acaba logo com isso, hein? Kol'anji pode golpear a maça contra sua memória.”

“O que tu quer que eu faça, Jan?”, inquiriu Zul'jarra, sentindo a raiva se elevar. “Que eu bote veneno na comida dele? Ou talvez eu deva cortar a garganta dele enquanto ele dorme?”

“Eh. Antes ele morto do que tu”, retrucou o jovem troll, dando de ombros.

“Então tu quer que eu viva com a vergonha dum ato desses?”

“Ele faria isso contigo se pudesse! E o importante é que tu estaria *viva!*”

“Eu sei que *tu* não liga de fugir numa luta, mas nem todos nos sentimos à vontade espreitando nas sombras e atacando de esconderijos. Nosso povo precisa de liderança, não de covardia!”

Zul'jan recuou como se golpeado, os olhos marejados de mágoa. Foi então que Jarra entendeu, ele achava que ela estava falando *dele* quando ela se referia a *Kol'anji*.

A trolesa abriu a boca para pedir desculpas, mas se deteve. Se Jan ficasse aborrecido com ela, não ia querer seguir. Daria meia-volta. Ficaria seguro. Então, depois que ela pegasse o machado e voltasse para casa, poderia explicar. Ainda que lhe doesse vê-lo assim, era para o bem do irmão.

Era o que uma chefe faria.

Não, não, não, olhe para ele!, gritava uma pequena parte dela. *Não deixe isso assim!*
Peça desculpas!

Em vez disso, ela ergueu o queixo.

A dor no rosto do irmão desapareceu sob uma máscara de indiferença, o que era pior do que se ele tivesse gritado com ela.

“Choveu há alguns dias”, murmurou ele, assentindo com a cabeça, a voz muito mais calma do que deveria. Jarra sentiu um arrepio. “Cuidado com as pedras soltas.”

Então Jan se virou e começou a voltar por onde eles tinham vindo.

Zul’jarra assistiu ao irmão partir, ainda querendo desesperadamente chamá-lo, persegui-lo, segurá-lo, dizer que não dissera aquilo por mal.

Em vez disso, ela engoliu as palavras e os desejos impotentes, deu meia-volta e iniciou a escalada.

Impelida pela raiva que sentia de si mesma, Zul’jarra se afixou ao paredão como uma aranha. Mão sobre mão, pé sobre pé, o fogo em suas entranhas movendo-a sempre para alto. Duas vezes ela quase escorregou e por pouco não despencou para a morte. Mas o treinamento e a habilidade a mantiveram firme.

Ela não fazia ideia de quanto tempo passara agarrada ao costão da montanha, mas, por fim, conseguiu se içar à plataforma do templo. Desabou na rocha lisa, braços tremendo, pulmões ardendo.

O sol torava acima, a ponto de cegar, como se a encorajasse a seguir em frente. Pela posição dele, o meio-dia passara há algumas horas. Jarra ergueu a mão para proteger os olhos daquela luz que a julgava. “Tô indo.”

Levantando-se à beira do precipício, ela se virou para o templo. Anos de abandono o deixaram desmoronado em alguns lugares e desbotado em outros, mas ainda assim evocava um senso de maravilhamento. Foi com reverência surpreendente que ela subiu as escadas, passou pelos altares vazios e alquebrados dos dois lados, agora lar de vários ninhos de águia, e entrou na sombra fresca da torre central.

Ao passar pelo arco e adentrar o salão principal, Zul'jarra percebeu as estátuas. Três cabeças de águia, uma em cada parede. Elas a contemplavam como se a fitassem do céu, os olhos vazios inspecionando. Avaliando.

Ela as ignorou, preferindo analisar o resto do espaço. Bancos cobertos de panos esfarrapados. Tigelas de oferendas vazias, algumas despedaçadas no chão. Não era difícil visualizar o lugar em seu apogeu, cheio de sacerdotes, porta-vozes e fiéis. As paredes deviam vibrar com a veneração.

A luz do sol se derramava pela veneziana acima da entrada e, quando uma rajada de vento moveu o pó e as cinzas de piras há muito extintas, a mistura adensou o ar com uma nuvem de estrelas cintilantes. Era lindo. E nojento. Zul'jarra tossiu e cobriu o nariz e a boca, estreitando os olhos na poeira.

Ali estava. Algo cintilou à base de um altar semelhante àquele diante do qual ela se ajoelhara na véspera. Algo metálico. Ela correu até o objeto, deslizando para frear e lançando mais poeira ao ar. Ali estava o machado, recoberto por sujeira e teias de aranha.

Devagar, com reverência, Zul'jarra fechou os dedos em torno do cabo e ergueu a arma. Era velha, mas bem produzida. Pesada, mas não em excesso. Equilibrada. Parecera maior de longe. Uma ilusão de ótica, talvez. O machado servia perfeitamente nas mãos dela, quase como se tivesse sido feito sob medida. Jarra segurou com mais força e deu um golpe de teste. Cortou o ar lindamente. A lâmina parecia suficientemente afiada para talhar no meio um homem.

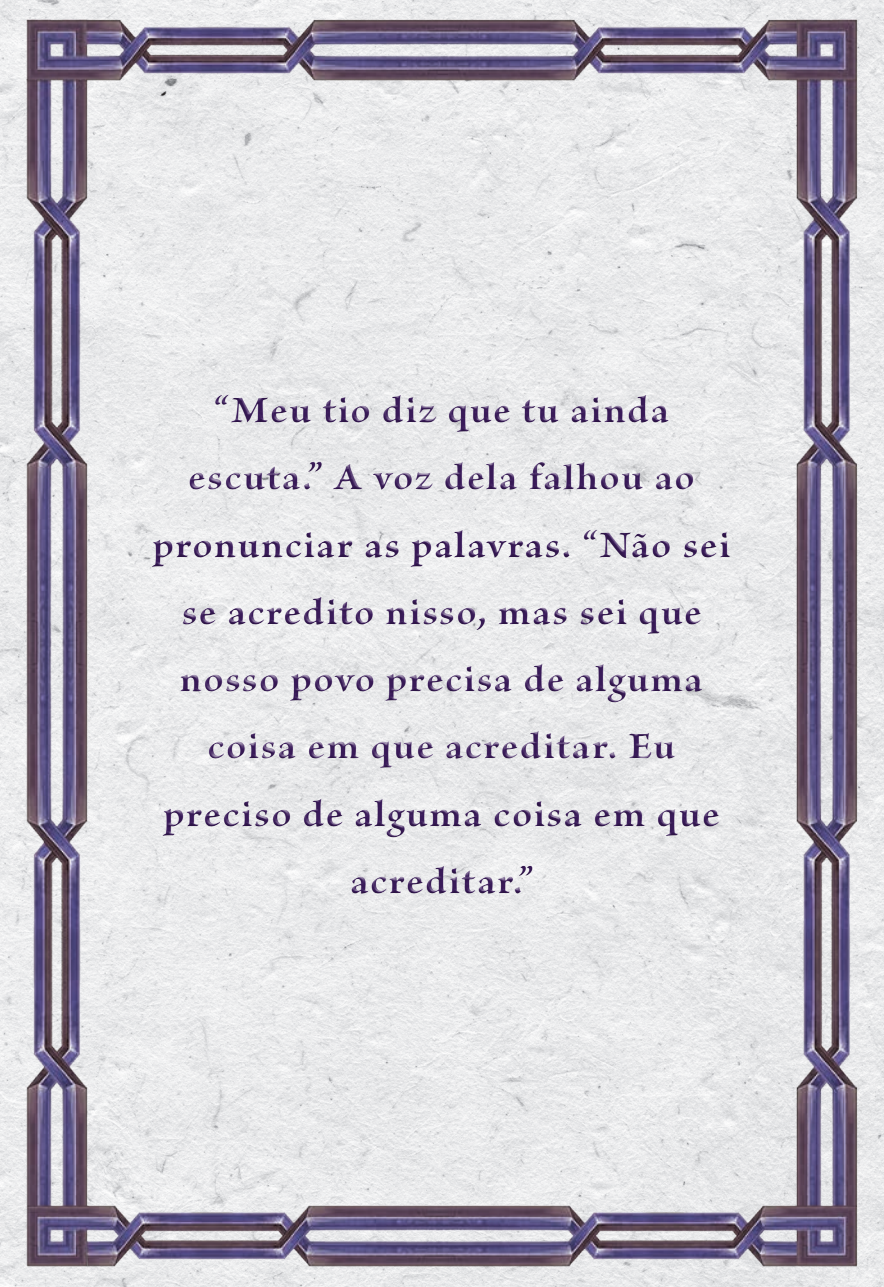
Ou um chefe Ramatorpe arrogante.

Com o prêmio obtido, ela se virou para partir, mas parou quando seu olhar pousou numa das três cabeças de águia que a observavam.

Zul'jarra não valorizava muito o ato de fazer oferendas que sempre acabavam ignoradas, mas parecia errado levar o machado e não deixar nada em troca. Além disso, ela não tinha nada para dar, exceto...

Jarra ergueu o machado nas palmas das mãos abertas e curvou a cabeça. “Meu tio diz que tu ainda escuta.” A voz dela falhou ao pronunciar as palavras. “Não sei se acredito nisso, mas sei que nosso povo precisa de alguma coisa em que acreditar. *Eu* preciso de alguma coisa em que acreditar.”

Um grito destroçou a quietude.



“Meu tio diz que tu ainda escuta.” A voz dela falhou ao pronunciar as palavras. “Não sei se acredito nisso, mas sei que nosso povo precisa de alguma coisa em que acreditar. Eu preciso de alguma coisa em que acreditar.”

“JARRA!”

“Jan?” O pânico lhe martelou o peito no que ela disparou para a saída, coração na garganta, o pulsar frenético gritando nos ouvidos. Zul’jarra saltou por escadarias inteiras para chegar à beira da plataforma o mais rápido possível. O que ela viu abaixo fez com que o medo a dominasse.

Zul’jan mergulhou para o lado bem quando uma clava imensa acertou o chão, lançando terra e rocha para o ar como se fossem água. Um dendronim rugiu ao erguer a arma, basicamente um tronco de árvore com os galhos arrancados. A criatura não estava sozinha. Pelo menos mais dois gigantes se aproximavam, todos loucos para alcançar o irmão dela. Zul’jan corria para escapar dos dedos ávidos para agarrá-lo.

Zul’jarra desceu rapidamente pelo paredão. Era perigoso, quase um ato de burrice. Um escorregão e ela despencaria da montanha. Mas não se importava; tinha que chegar ao irmão.

Uma das criaturas fez menção de pegar Zul’jan, mas ele cravou as adagas na manzorra e disparou para o lado, escapando do golpe no solo e uivando de dor. Jan tentou passar por baixo das pernas de outro dendronim, mas foi pego pela bainha do manto. O tecido apertou-lhe a garganta, sufocando um grito quando o monstro o jogou numa árvore. O baque pesado fez os dentes de Zul’jarra doerem, e Zul’jan caiu no chão, rolando pela borda de um morro.

Num frenesi, Zul’jarra se atirou para a frente com um rugido. “Não! Jan!” O grito ecoou pela montanha, e os três gigantes se viraram para ela. O salto a levou pelo ar e o gume do machado se cravou no pescoço do dendronim que arremessara o irmão dela. Jarra sentiu o ceder da carne, o estalar do osso. Sangue espirrou nos outros dendronins, cegando-os temporariamente.

O pânico berrava nos ouvidos de Zul’jarra enquanto ela corria para a beira do penhasco. O alívio quase fez com que ela caísse ali mesmo ao ver que Zul’jan estava vivo, agarrado a uma raiz espetada no costão. Os olhares se encontraram e, sem dizer nada, ele estendeu a mão para a irmã. Jarra o puxou para a terra firme, abraçando-o com força e então o empurrando para trás quando os dendronins restantes pareceram se orientar. Os monstros urraram ao investir contra eles, punhos e armas erguidos.

“Fica atrás de mim!”, gritou Zul’jarra e então correu para enfrentá-los. Não dava para saber se o irmão tinha ouvido ou não, mas ela não podia se concentrar nisso. Segurou o machado com mais força e atacou.

Veze sem conta, ela golpeou com o machado, talhando membros musculosos e imensos pés. Alguns dos golpes ricochetearam nas armas improvisadas, mas isso não a fez perder o pique. Jarra continuou batendo, o talho seguinte lançando uma perna ao ar e fazendo o gigante que a perdeu cair de joelhos, em uivos. Um golpe na nuca o finalizou, e a trolesa se virou para o oponente final.

Ela não viu o trecho de rocha instável até já estar no meio do salto, baixando o machado para acertar o último dendronim. A arma se cravou fundo no peito da criatura. Jarra segurou o cabo e deslizou junto com o corpo que tombava, na terra em declive. O dendronim bateu no chão, que imediatamente começou a se dissolver abaixo dele. Abaixo *dela*.

“Jarra!”

O grito do irmão foi a última coisa que ela ouviu antes de o mundo ceder sob seus pés. O céu se abriu acima dela enquanto Jarra era puxada para as trevas.



Zul’jarra sonhava com sombras.

Com a noite profunda.

Com montanhas impossivelmente altas.

Ela escalava uma delas, mão sobre mão, cada centímetro impossível de cada vez. As pedras lhe cortavam as palmas, que deitavam fogo. E, não importava quanto ela escalasse, nunca alcançaria o topo. Queria parar, mas sabia que não podia. Estavam contando com ela. Estavam atrás dela, seguindo-a. Se ela parasse, eles cairiam. Ela falharia. Então Zul’jarra continuava subindo, buscando o pico, de onde o avô a encarava, com julgamento nos olhos.

A raiva correu pelo corpo inteiro de Zul’jarra. “Não me olha com desprezo”, grunhiu ela entredentes. “Não *ouse* me olhar com desdém!” A voz dela ecoou em volta, fazendo a montanha tremer. Parecia que o paredão ia ceder. Ainda assim, Zul’jin a encarava, sem piscar nem falar.

“Você...” Zul’jarra estava furiosa. Começou a se puxar para cima mais rápido, movida pela ira. “Você.” Ainda mais rápido, impossivelmente mais rápido. Ela estava correndo paredão acima. “Você!” O machado de Akil’zon de repente estava nas mãos dela. Uma rajada de vento soprou às suas costas, lançando-a para o alto, acima do avô. “COVAAAAAARDE!” Ela golpeou a cabeça dele com o machado.

Chamas irromperam ao redor, fulgurantes. O machado desapareceu, consumido pela conflagração. Zul’jin também sumiu. Ela estava certa de que seria a próxima, mas não foi o que aconteceu. Não havia calor nem dor. Só a luz cegante e a raiva se debatendo em seu peito.

Zul’jarra abriu os olhos. Por um momento, o mundo era feito de formas e cores desconhecidas, que gradualmente se definiram na cena familiar do quarto dela.

“O-o que...” A garganta se rebelou contra a vontade de falar. Era como engolir cacos de vidro.

Um movimento súbito ao lado precedeu Kinduru, que se inclinava sobre ela, o rosto marcado pela preocupação. Ao se entreolharem, ele expirou em alívio.

“Z-Zul’jarra”, gaguejou ele. “Akil’zon seja louvada.”

“Akil’zon,” repetiu Zul’jarra num sussurro. A mente fez um esforço para capturar uma memória de um templo no alto da montanha e um machado nas mãos. “O que houve?”

“Tu caiu”, explicou Kinduru descrente, recostando-se de volta na cadeira ao lado da cama. “Do paredão da Frente de Akil’zon. A altura devia ter te matado, mas tu mal tem um arranhão.”

Zul’jarra entendeu as palavras do tio individualmente, mas não conseguia compreender o que ele queria dizer. “Cai?”, repetiu ela.

“Zul’jan te achou perto da base da montanha”, explicou Kinduru, assentindo com a cabeça. “Num ninho de águia, veja só. De alguma forma, tu sobreviveu. Conseguiu até segurar o machado. Ele te trouxe pra casa.”

Zul’jarra seguiu o olhar do tio até um machado familiar encostado na parede. De onde veio... *Akil’zon!*

Com essa percepção, as memórias inundaram sua mente de trás para a frente: Enfrentar os gigantes com o machado. Escalar até o templo onde ela descobriu a arma. O motivo pelo qual ela foi buscar a arma em primeiro lugar...

“O desafio!” Ela se sentou na cama, os músculos doendo. “Quanto tempo eu dormi?”

“Pelo menos um dia”, revelou Kinduru, com a expressão de choque se desfazendo em preocupação. “O desafio já está acontecendo.”

O pavor gélido tomou Zul'jarra.

“Tua mãe”, continuou Kinduru, “foi enfrentar Kol'anji no teu lugar.”

“Não”, exclamou Zul'jarra. Ferida como Zarama estava, ela não tinha a menor chance.

Sem mais uma palavra, Zul'jarra jogou o cobertor longe e se obrigou a levantar, ignorando a forte pontada nas costelas.

“O que tu tá fazendo?”, inquiriu Kinduru.

“Tu *sabe* o que eu tô fazendo”, retrucou ela, pegando o machado.

“Tu não tá em condição de lutar!”

“Tu mesmo disse: era pra eu estar morta. Qualquer outro estado já é condição suficiente.” Zul'jarra saiu do quarto, cruzou a casa e saiu para onde o urso de guerra dela a esperava.

“O desafio vai acontecer no Trono Partido”, gritou Kinduru enquanto ela montava na sela e chicoteava as rédeas. “Que as asas de Akil'zon te levem!”



O cântico da multidão reunida chegou aos ouvidos de Zul'jarra antes que ela avistasse a cidade arruinada. Havia rugidos e zombarias indo e vindo, sinalizando a troca de golpes. A luta ainda estava acontecendo. O caminho estava aberto, tirando alguns retardatários, sentinelas Amani e guerreiros Ramatorpes se encarando dos dois lados da via principal.

Zul'jarra passou por eles sem nem pensar, ignorando tanto aqueles que a chamavam, em choque, quanto os que a insultavam. Ela seguiu para a arena, atijando o urso a subir.

Mais rápido! Mais rápido!

No alto da colina, ela saltou da sela e pousou com um grunhido. A dor percorreu seu corpo, mas Jarra seguiu em frente. A multidão de espectadores era intensa, os



O pavor gélido tomou Zul'jarra.

“Tua mãe”, continuou Kinduru,
“foi enfrentar Kol'anji no teu
lugar.”

“Não”, exclamou Zul'jarra.

vivas pontuados pelo retinir das armas se chocando.

“Saiam da frente!”, tentou gritar, mas a garganta ainda ardia, o mundo se desfazendo. “Saiam da frente!”

Enquanto abria caminho pela massa de trolls ao redor do ringue de luta, Zul’jarra não precisou se virar para saber que o irmão estava ao seu lado. Ela simplesmente sentia a presença dele, como sempre acontecia.

“Sua chefe mandou vocês *SAÍREM DA FRENTE!*”, trovejou Zul’jan, mais alto e com mais fervor do que Zul’jarra jamais ouvira dele.

As pessoas se viraram, viram os dois e obedientemente se afastaram.

Zul’jarra correu adiante, alcançando o chão da arena bem quando Kol’anji se esquivava de um golpe do machado de Zarama, que na sequência acertou o lado afiado da maça no torso dela.

O som da carne da mãe sendo rompida paralisou Zul’jarra. Ela assistiu enquanto Zarama agarrava a arma cravada na própria barriga. Kol’anji arrancou com um puxão e Zarama caiu para a frente, de joelhos na poeira, apoiando-se no chão com uma das mãos. Enquanto ela baixava cada vez mais no piso, tudo parecia ficar mais lento.

Kol’anji ergueu no ar os braços luzentes de sangue, se vangloriando. Zul’jarra não escutava as palavras dele por causa do trovão crescente no coração e ouvidos. *Mãe, não!*

Inacreditavelmente, Zarama pareceu se virar, como se tivesse ouvido o grito desesperado da filha. Seus olhos encontraram Zul’jarra. Zarama viu a filha. Viu o machado. Então o medo nela deu lugar à paz. Ela sorriu, os lábios ensanguentados pronunciando palavras que jamais chegariam aos ouvidos de Zul’jarra.

Então tombou imóvel.

A visão da mãe caída ali, com a poça vermelha crescendo em volta, soou alto dentro de Zul’jarra como uma marreta tinindo o aço. O frio líquido de luto que lhe tomara os braços derreteu perante a raiva que a dominava. Borbulhou e espumou, queimando-lhe as entranhas, preenchendo-a até não ter mais aonde ir.

E então se libertou.

Seriam contadas histórias e criadas canções sobre o primeiro brado de guerra verdadeiro de Zul’jarra. Sobre como ele irrompeu da trolesa como as chamas de um

vulcão, quente e calcinante. Sobre como ele estremeceu as pedras ancestrais do Trono Partido e além. Todos que o ouviram o compararam ao grito de uma grande águia, e, pelos dias seguintes, aqueles que não estavam lá, mas ainda assim o ouviram, acreditaram no retorno de Akil'zon.

Mas não foi isso.

A loa não tinha retornado.

Porém uma lenda havia nascido.

“Ah, a filha”, troçou Kol'anji, rindo. “Bem a tempo de virar órfã.” Ele ergueu a mão e chamou. “Pode vir, então.”

“Jarra, espera...”, começou Zul'jan, mas ela já corria pelo chão da arena.

Kol'anji se afastou do corpo de Zarama para enfrentar Zul'jarra.

Ela golpeou com todo o seu peso. O gume do machado acertou a maçã de Kol'anji. A força do impacto reverberou pela troleia, atordoando-a por tempo suficiente para que o punho forte do troll encontrasse seu queixo.

Zul'jarra viu estrelas. O gosto de sangue lhe encheu a boca. Ela se jogou para trás, para abrir espaço, e ergueu a arma.

Kol'anji deu uma risadinha, baixa e provocativa. “Tu tem fogo, eu admito. Quando acabar contigo, acho que vou levar tua cabeça e a do teu irmão também.” Ele lançou um olhar para Zul'jan, à beira da arena, que gritava para ela lutar. “Manter a família junta, né?”

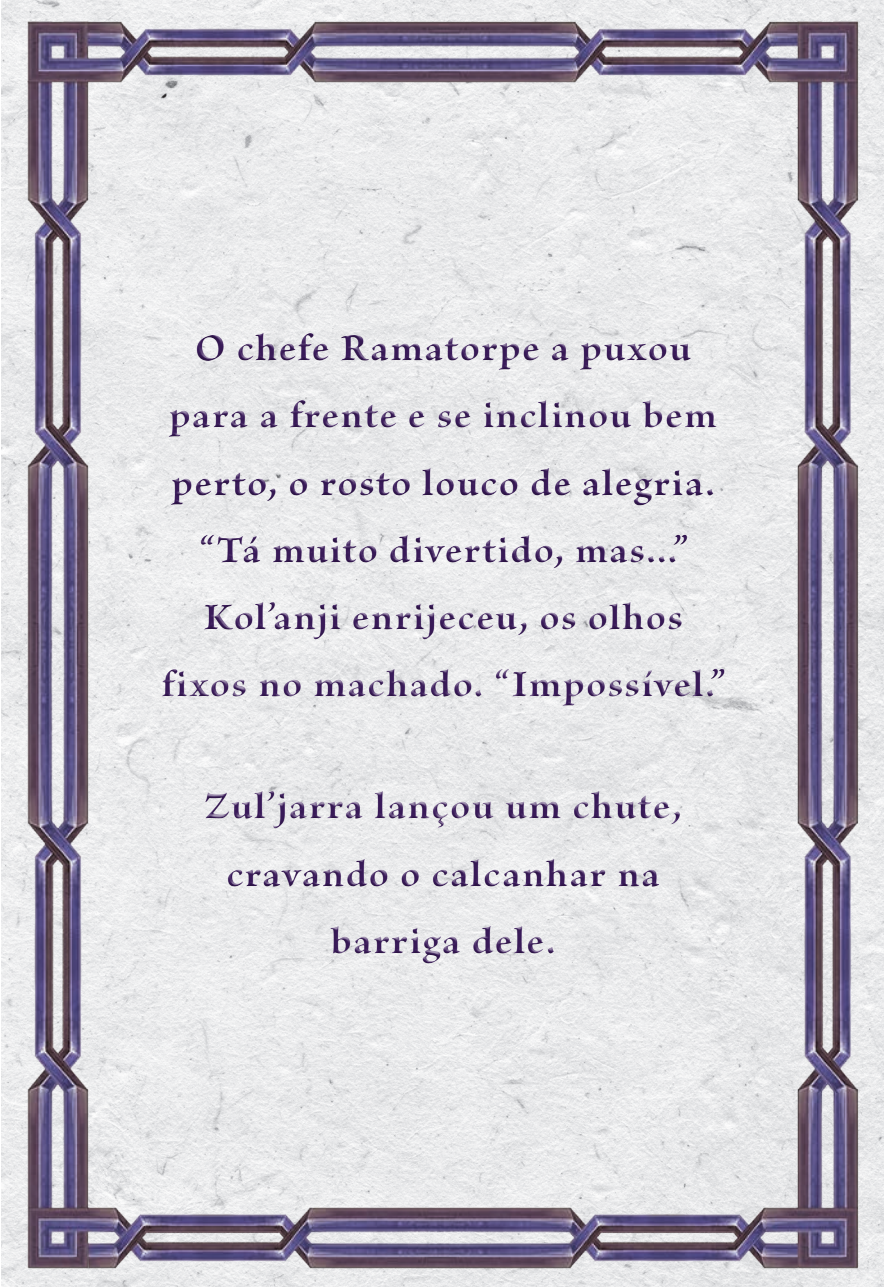
“É tu quem vai perder a cabeça!”, berrou Zul'jarra enquanto golpeava o troll muito maior que ela, a fúria movendo seus golpes frenéticos. Em algum lugar na mente dela, Zul'jarra sabia que estava sendo imprudente. Se continuasse atacando com raiva, acabaria exposta.

Outra parte dela não se importava. Se ela abandonasse a raiva, a angústia a engoliria, encerrando a luta antes mesmo que Kol'anji pudesse fazê-lo.

Ela golpeou de novo. Dessa vez, a cabeça da maçã de Kol'anji acertou o machado num ângulo que o prendeu. O chefe Ramatorpe a puxou para a frente e se inclinou bem perto, o rosto louco de alegria. “Tá muito divertido, mas...” Kol'anji enrijeceu, os olhos fixos no machado. “Impossível.”

Zul'jarra lançou um chute, cravando o calcanhar na barriga dele.

A areia voou quando ele cambaleou para trás. Um clarão passou pelos olhos



O chefe Ramatorpe a puxou
para a frente e se inclinou bem
perto, o rosto louco de alegria.

“Tá muito divertido, mas...”

Kol’anji enrijeceu, os olhos
fixos no machado. “Impossível.”

Zul’jarra lançou um chute,
cravando o calcanhar na
barriga dele.

do troll quando sua arrogância vacilou por um instante. “Esse machado não vai te salvar, assim como tu não conseguiu salvar tua mãe, *criança*.”

“Criança, não. Chefe”, vociferou ela entre dentes cerrados. Então se lançou contra o adversário, golpeando de novo e de novo, cada vez mais rápido. O metal berrava. Faíscas brilhando ao sol. O coração dela se debatia, selvagem e furioso. Jarra sentiu os músculos se contraindo. Agarrou o cabo com mais força, fúria no peito, fogo na garganta, agonia se libertando num berro que a esvaziou por completo. A trolesa talhou.

A lâmina cortou a carne. Percorreu tendão e osso.

O sorriso de Kol'anji desapareceu. Então a cabeça dele caiu no chão.

O corpo tombou em seguida.

Por um momento, Zul'jarra assistiu. A vontade de marretar o machado no inimigo repetidamente quase a tomou, mas ela conseguiu se conter. Engolir. Outro grito se elevava dentro dela.

Em vez disso, ela se virou para a arena, agora silenciosa, os olhos varrendo os rostos daqueles que a chamariam de inimiga, amiga, líder. Seu povo.

Passou por sobre o corpo de Kol'anji e ergueu o machado sobre a cabeça.

“Eu sou Zul'jarra! Nascida do sangue de Zarama! Chefe dos Amani e das tribos da floresta!” A voz dela soou firme mesmo quanto seu próprio ser estremecia. “Que todos, *qualquer um*, que duvidarem de mim deem um passo à frente!”



O chefe dos Ramatorpes foi deixado na poeira enquanto Zul'jarra, o irmão e outros ergueram a mãe do piso da arena. Ela foi envolvida em linho sagrado e colocada nos ombros, sendo mantida elevada o caminho inteiro até Amani'Zar.

Zul'jan tentou convencer a irmã a se afastar por tempo suficiente para ser tratada pelos curandeiros, mas ela recusou. A dor era a única coisa que a impedia de desmoronar.

Kinduru se encontrou com eles na fronteira do assentamento, o rosto lavado de lágrimas, a expressão de luto. Ele os levou ao altar onde Zarama seria preparada para os ritos finais. Tudo depois disso foi um borrão, gente indo e vindo, oferecendo

parabéns e condolências. Zul'jarra continuou ao lado da mãe, e Zul'jan ao lado dela. A trolesa abraçava o irmão, que chorava.

Ao anoitecer, Zul'jarra tinha de alguma forma se banhado e vestido para a cerimônia iminente. Tochas montadas num círculo ao redor de uma cova tão nova que o ar ainda rescendia a terra. Ela ficou ali parada, em silêncio enquanto deitavam sua mãe no solo. Depois, estava no centro de um anel de fogo enquanto Kinduru se dirigia àqueles reunidos para prestar homenagem. As pessoas depois comentariam como ele falou coisas tão belas sobre a falecida, mas Zul'jarra jamais conseguiria se lembrar das palavras. Nunca soube se isso a aborrecia ou não.

O dia seguinte encontraria Zul'jarra sentada no grande salão, no lugar da mãe. Um por um, os outros líderes vieram, oferecendo respeito e tributo à nova chefe. Todos menos os Ramatorpes, que tinham coletado o chefe e a cabeça dele e desaparecido na mata.

Zul'jarra aceitou os presentes e os passou para o irmão. O primeiro de muitos pedidos de desculpas que ela faria pelas palavras sob o templo de Akil'zon. Ele aceitou em silêncio, o rosto a mesma máscara imóvel. Naquela noite, não houve comemorações nem grandes banquetes. Só o vazio da perda.

Finalmente, o conclave foi concluído, e Zul'jarra se viu livre para voltar aos seus aposentos. Os aposentos da chefe. Com toda comoção do funeral e do conclave, ela não teve a chance de fazer mais do que trocar de roupa. Mas, agora, na quietude do depois, ela contemplou as coisas que tinham sido da mãe, misturadas com os próprios itens pessoais.

Não estava certo. Ela não deveria estar ali. Era o lugar da mãe dela, eram as coisas da mãe dela! Jarra não tinha o direito! Ela...

Um peso se depositara nos ombros de Zul'jarra na arena e ficara maior com cada passo do cortejo fúnebre. Mais pesado ainda com cada parabéns ou pêsame, tudo reforçando a verdade de que a mãe dela se fora, e de que isso era culpa de Jarra. Mais pedras penduradas no pescoço puxando-a para baixo até que ela finalmente desabou.

Em algum momento, Zul'jan se juntou a ela no escuro. Ral'ji veio também, em companheirismo silencioso. Por fim, Zul'jarra encontrou palavras suficientes para pedir que a deixassem sozinha.

A noite se estendeu até alguém bater à porta.

Zul'jarra não respondeu.

A porta foi aberta mesmo assim.

Kinduru entrou, carregando algo. O machado da mãe dela.

“Agora é teu”, murmurou o porta-voz, carregado de emoção.

“Aham.”

Kinduru pousou a arma na prateleira, onde Zarama geralmente a deixava.

“O que aconteceu não foi culpa tua, Jarra”, começou Kinduru.

Um grunhido grave soou no peito dela. Zul'jarra não queria falar no assunto.

O porta-voz deve ter sentido isso, porque hesitou antes de pigarrear e continuar.

“Zarama sabia dos riscos e foi assim mesmo. Ela se ofereceu no teu lugar, como qualquer mãe faria.”

As lágrimas brotaram num instante. Seguiram as trilhas que já lhe manchavam o rosto, uma imitação cruel das linhas que a mãe tinha pintado poucos dias antes.

“Tu já carrega tanta coisa”, afirmou Kinduru, ajoelhando-se e se inclinando para pressionar gentilmente a testa contra a da sobrinha. “Ela não ia querer que tu carregasse isso também.”

“Os dois se foram!”, uivou Zul'jarra, jogando os braços em volta do tio.

“Eu sei”. Ele a abraçou com força enquanto o corpo da sobrinha tremia e chacoalhava.

“C-como eles puderam me deixar!”, soluçou ela, batendo nos ombros e costas do tio.

“Bota pra fora, Jarra”, incentivou ele, a voz falhando com os próprios soluços.

“Bota pra fora.”

Kinduru deixou Jarra chorar, praguejar, vociferar e lutar, sem soltá-la nem por um segundo.

Quando a tempestade dentro da trolesa se acalmou, o tio a ajudou a se levantar e a abraçar uma última vez. Ainda havia muito a fazer e já se ouviam rumores do descontentamento dos Ramatorpes.

O porta-voz se virou para sair, mas parou quando Zul'jarra o chamou.

“Tio.”

“Hum?”

Jarra olhou para o machado de Akil'zon, largado num canto depois do retorno dela da arena. O sangue de Kol'anji ainda escurecia o gume. “Tira aquela coisa da minha vista.”

“Tem certeza? Talvez se nós...”, começou ele, de cenho franzido.

“Não.”

Ele franziu o cenho ainda mais. “Depois de tu lutar tanto para ganhar a bênção de Akil'zon, vai querer descartar isso?”

“Bênção?”, exclamou Zul'jarra, rindo. Era uma risada oca. “Essa coisa é uma maldição. Não quero vê-la perto de mim.”

“Mas a loa...”

“Eu rezei para Akil'zon no templo!” A fúria subiu pela garganta de Jarra, batendo atrás dos dentes. “E o que a loa fez por mim, hein? Me mandou pra ver minha mãe morrendo, me fez chegar tarde demais pra salvá-la. Os loas não tavam lá por mim, por nós. Minha mãe tava. Então é o machado dela que eu vou brandir como chefe!” Jarra tremia de raiva, mas, de alguma forma, suas palavras continuavam firmes. “Tira isso daqui.”

Kinduru se curvou.

“Como desejar, minha chefe.”